

Este artigo pode ser utilizado mencionando a fonte original e a página Web de procedência. Toda informação desta Web www.golden5.org está sujeita a Copyright.

Princípios Golden¹

Lera, M-J., Jensen, K., Josang, F., Buccoliero, E., Szymanska, J. & Timmermans, J. (2007) *Inicios y fundamentos*. En www.golden5.org/programa

- 1.- Ensino Secundário: Problemas, desempenho, motivação
- 2.- Transição escolar: uma etapa delicada.
- 3.- O efeito do grupo
 - 3.1- Papel dos iguai
 - 3.2 - Papel do profesor
4. – PROGRAMA GOLDEN: Proposta de modelo de intervenção



1. - Educação secundária: Problemas, desempenho, motivação ...

A situação atual na Europa, relativa à educação em geral, e especialmente na educação secundária parece ser bastante similar.

Em geral, todos os países da comunidade enfrentam desafios semelhantes, como é dar resposta às necessidades da sociedade atual, com mais diversidade intercultural, religiosidade, social, etc., o que cria grupos mais heterogêneos nos quais as fórmulas tradicionais simplesmente não funcionam. Os cinco países envolvidos neste projeto têm problemas semelhantes nas suas escolas, e, todos relacionados com o comportamento dos alunos e as suas consequências, especialmente o baixo nível de desempenho dos alunos em risco de exclusão social. Participamos todos anteriormente em projetos europeus para a melhoria da convivência escolar.

¹ O texto original pode ser encontrado em:

<http://www.golden5.org/golden5/golden5/programa/es/0IniciosyFundamentos.pdf>

Na Itália, um dos envolvidos no Projeto – Centro Prometo-, trabalha na formação docente desde 1993. Ele expressou a necessidade de ter mais ajuda na educação de alunos em risco de exclusão social, casos que vem aumentando cada vez mais, pela maior presença de imigrantes, pelo fracasso escolar, que por sua vez, faz com que surjam muitos problemas de comportamento na aula (conhecimento de regras e papéis, a motivação, o desempenho, a interrupção). Os investigadores mostram que existe um verdadeiro problema de violência entre iguais, nas escolas do secundário, um fenômeno que está associado a problemas de integração nas aulas e abandono escolar, em alunos em risco de exclusão social.

Na Bélgica, de 10 a 20% dos alunos são marginalizados nas aulas, o que leva a problemas acadêmicos, além de problemas sociais. Os problemas de integração são mais relevantes para os alunos imigrantes, assim como as suas consequências em termos de exclusão social, o absenteísmo, a falta de motivação e de sucesso.

Na Espanha, a informação é similar. É necessária a criação de materiais e cursos para lidar com a diversidade nas aulas, com o absenteísmo e com o fracasso escolar. No nosso caso há um aumento de alunos imigrantes, mas também é importante a presença de crianças de etnia cigana nos nossos centros que, em geral, sofreram e ainda sofrem discriminação social, situando-se, sem dúvida, na categoria de “alto risco de exclusão social”.

Na Noruega e na Polônia, a situação também é semelhante, 7% dos alunos na Noruega são discriminados nas suas aulas, mostrando problemas acadêmicos além de problemas sociais. Na Polônia, a situação atual de desemprego elevado tem impacto sobre a escola, e a falta de motivação dos alunos é diretamente relacionada com o aumento da agressividade, da violência, da exclusão social, do stress educacional nos professores e alunos, etc., sendo todos estes problemas relevantes para as autoridades educativas.

Obviamente, a situação atual de diversidade na educação supõe um desafio para o professorado que trata de dar resposta a uma realidade que envolve dois lados de uma mesma moeda: por um lado, a necessidade imediata para enfrentar a diversidade, e por outro, ser capaz de satisfazer as necessidades individuais, sociais e acadêmicas da cada estudante.

2.- Transição escolar: uma etapa delicada

Harter (1981)² explica que, na transição para o ensino secundário, o ambiente escolar torna-se mais impessoal, mais formal, exigente e competitivo que na escola primária.

Eccles (1988)³ sugere que há incompatibilidade entre a escola secundária e as necessidades dos jovens adolescentes, percebida como uma variação negativa, e resulta numa diminuição na motivação escolar. No ensino secundário, os professores tornam-se mais controladores, talvez envolvidos numa justificativa de “seriedade”, os estudantes são “maiores”..., mas o fazem justamente quando os estudantes precisam de mais autonomia, e este controle faz com que as relações interpessoais sejam mais impessoais, num momento evolutivo em que os adolescentes precisam de um grande apoio de figuras adultas para além dos pais.

Para explorar este modelo, Harter tem realizado vários estudos (Harter, 1996)⁴ que revelam que a orientação motivacional está altamente relacionada com a percepção da competência escolar. Para explicar essa relação, realizou um projeto longitudinal, examinando a motivação dos alunos antes e depois da transição escolar. Ele verificou-se que 50% dos estudantes mantêm o mesmo nível de motivação e competência percebida enquanto os outros 50% ou tem um substancial incremento ou uma diminuição em sua motivação e percepção de competência escolar.

Para examinar por que os alunos mudavam a sua motivação, usou um questionário baseado em dois fatores: **a avaliação externa e a comparação social**. As dimensões incluídas na “avaliação externa” foram: ênfase nas notas por parte do professor, a concorrência, possibilidade de fazer escolhas e interesse pessoal. Harter encontrou que, ao aumentar o nível, os alunos percebem que o professorado enfatiza as qualificações, a competição e o controle, realizando uma avaliação externa

² Harter, S. Harter, S. (1981). “A new self-report scale of intrinsic versus extrinsic orientation in the classroom: motivational and informational components.” *Developmental Psychology* 17: 300-312.

³ Eccles, J. and C. Midgley (1988). *Stage-environment fit: developmentally appropriate classrooms for young adolescents*. Research on motivation in education, goals and cognition. R. C. Ames and C. Ames. New York, Academic Press. 3: 139-186.

⁴ Harter, S. (1996). *Teacher and classmate influences on scholastic motivation, self-esteem., and level of voice in adolescents*. Social motivation: understanding children's school adjustment. J. J. Junoven and K. Wentzel. Cambridge, University Press.

do rendimento escolar e, ao mesmo tempo, presta pouca atenção aos interesses pessoais dos alunos. Estes fatores fazem com que metade dos estudantes reavalie o seu sentido de competência escolar. Além disso, os alunos relatam uma maior ênfase na comparação social entre colegas de classe; e quanto maior o nível ou curso, os alunos sentem que o trabalho escolar é mais aborrecido e irrelevante. Os resultados também mostram que os alunos observam que, quanto maior a ênfase dos professores nos componentes da avaliação externa, mais se sentem incapazes e isso leva a um decréscimo do seu interesse intrínseco.

Quando os professores foram questionados sobre os mesmos pontos, não sentiam que enfatizavam tanto a avaliação externa como os alunos afirmavam, nem eram conscientes de que faziam comparações sociais. Todos concordaram que, quando o aluno se sente incapaz isto, sem dúvida, afeta o interesse intrínseco pelo trabalho escolar. No entanto, os professores não mostraram nenhuma evidência de que as práticas educativas utilizadas em classe pudessem contribuir para o sentimento de incapacidade dos seus alunos (Harter, 1981).

Os colegas de classe também influenciam a dita reavaliação. Uma parte significativa dos alunos do 1º ano da ESO (Escola Secundária Obrigatória ou Ensino Fundamental II [no Brasil]) não se conhece previamente, portanto, a referência aos grupos sociais é amplamente utilizada, requerendo aos alunos reavaliar a sua competência nas relações interpessoais. Este aumento na ênfase da comparação social ajuda a promover a reavaliação em relação à competência escolar. Essas comparações podem ter efeitos psicológicos devastadores para um grande número de estudantes que concluem que são relativamente incompetentes em relação ao "top", ou seja, aos mais bem avaliados.

Destas investigações pode-se concluir que os professores, não só são importantes na transição para a escola secundária, mas também que podem exercer uma influência decisiva no aumento da motivação intrínseca sobre os alunos.

3.- O efeito do grupo

O modelo explicado anteriormente associa a motivação com a realização acadêmica, porém enfatiza muito a competência intelectual, assumindo que este é o principal objetivo do aluno na escola. No

entanto, há evidência de que os mundos sociais das crianças não devem ser excluídos de outros modelos de motivação e adaptação escolar.

A teoria da atribuição preocupa-se com a forma como os indivíduos interpretam eventos e como essa interpretação, ou atribuição, se relaciona com o seu pensamento e o seu comportamento. Heider (1958)⁵ acredita que as pessoas atuam sobre a base das suas crenças, quer estas sejam válidas ou não. Ele introduz a “teoria do balanço cognitivo”, que indica que, se duas ou mais pessoas compartilham a mesma atitude, experiência ou ideias, certamente isto influencia na relação entre essas duas pessoas. Esta teoria baseia-se nos trabalhos de Mead (1934)⁶ que explica que pôr-nos na perspectiva de outros e compartilhar uma mesma atitude ou ideia coletiva, frequentemente baseada no que pensamos da outra pessoa (teoria da interação simbólica), reforça as nossas atribuições. Também influenciado por George H. Mead, Newcomb (1961)⁷ apresentou a sua teoria da A-B-X dizendo que, se A e B têm uma forte relação entre eles e coincidem na orientação para X, isto terá um impacto no fortalecimento das relações entre essas duas pessoas (A-B), por outro lado, se têm diferentes percepções sobre X, isso debilitará a sua relação.

Não pretendemos fazer aqui um desenvolvimento dessas teorias, e das muitas mais que surgiram posteriormente, mas elas evidenciam que as expectativas têm um papel central na relação com as atribuições e consequente comportamento, e nas relações intra e intergrupais.

Os efeitos concretos da coação e audiência têm sido estudados especialmente no campo da Psicologia da Motivação. São bem conhecidos os estudos pioneiros de Triplett (1898) concluindo que os ciclistas pedalavam mais forte quando o faziam na companhia de outros ciclistas, do que quando o faziam sozinhos. Triplett argumentou que a presença de outros atuou como um fator capaz de ativar os recursos energéticos que não são mobilizados quando o indivíduo realiza a tarefa sozinho. Quando os aumentos na motivação e no desempenho de um indivíduo são o resultado da ação direta de outras pessoas que compartilham com ela na mesma tarefa, dizemos que houve um “*efeito de coação*”.

⁵ Heider, F. Heider, F. (1958). *The Psychology of Interpersonal Relations*. Nueva York: Wiley.

⁶ Mead, G.H. (1934) *Mind, self and society*. Chicago, University of Chicago Press.

⁷ Newcomb, T.M. (1961) *The acquaintance process*. New York: Aolt, Rinehart & Whinston.

Quando a presença de outros não é a de compartilhar a tarefa, senão uma situação de passividade, ou observação é chamado "*efeito de audiência*" (Cottrell, et al. 1968)⁸. Da mesma forma, observa-se um aumento na motivação e no desempenho da pessoa que está sendo observada, mas não sempre, em outras ocasiões, a exposição ao público provoca os piores resultados no indivíduo observado.

A explicação para estes resultados aparentemente contraditórios tem a ver com a habilidade do sujeito e com a probabilidade de que ocorra a resposta mais esperada. Assim, quando a probabilidade de dar uma resposta adequada é alta, aumenta o desempenho e a motivação também. Se, ao invés, a resposta mais provável é um comportamento negativo ou de fracasso, na verdade, é isto que acontece. Em ambos os tipos de efeitos, a presença dos outros produz um incremento na ativação, o que leva que o sujeito, nesta situação específica, apresente a resposta mais provável ou dominante.

Novamente, estes efeitos partem do mesmo princípio: se existe a expectativa de que qualquer ato ocorra, será mais provável que ele ocorra, especialmente se o comportamento acontece num grupo. Se as expectativas de um estudante de ir ao quadro-negro são elevadas e positivas, a presença do grupo aumentará a sua motivação, e portanto, o seu desempenho, se pelo contrário, as expectativas são negativas ou baixas, isto é, ele tem medo de fracassar, há maior probabilidade de isto ocorrer (o fracasso) num lugar com audiência. Um dos âmbitos nos que mais tem sido demonstrada a influência dos efeitos da coação e da audiência tem sido nos esportes (Gall, 1998)⁹.

A aplicação destas teorias ao âmbito educativo leva-nos a considerar os efeitos da percepção do estudante sobre si mesmo, bem como as expectativas que gera em função do seu rendimento acadêmico e do seu comportamento com os outros, e de atribuir-lhe certas características ou atitudes, como desajeitado, desastrado, idiota, ou qualquer outro com conotações negativas. "O efeito audiência" da aula irá facilitar que realmente tenha um baixo desempenho acadêmico e problemas de comportamento. Reforçar o positivo, gerar expectativas altas e positivas sobre as suas

⁸ Cottrell, N.B.; Wack, D.L.; Sekerak, G.J. y Rittle, R.H. (1968). Social facilitation of dominant responses by the presence of an audience and the mere presence of others. *Journal of Personality and Social Psychology*, 9, 245-250.

⁹ Gall, KR (1998). An examination of the relationship between arousal levels of athletes, motivation, strategies, and performance. *Dissertation Abstracts International Section A: Humanities and Social Sciences*, Vol. 58(7-A): 2585.

próprias capacidades, ajudará a que o efeito audiência incremente o positivo e não o negativo. Este aspecto é crucial que seja compreendido pelos professores, pois as mesmas teorias são também aplicadas à percepção destes.

O fenômeno ocorre também entre os professores: se dois professores concordam no seu pensamento sobre X, a teoria do balanço cognitivo leva-os a reforçar a dita relação, e tornar-se de primeira ordem. Igualmente esta relação fortalecida será repetidamente confirmada pelos exemplos observados (seleção perceptual que confirma as expectativas). Da mesma forma, quando o sujeito X recebe determinada atribuição de uma forte relação de dois ou mais, esta atribuição torna-se uma verdade inquestionável, de modo que o sujeito X não terá mais que a assumi-la e novamente, a seleção de exemplos da sua própria experiência que confirmam a dita teoria, desta forma quando se lhe pergunta a X por si mesmo, certamente responderá: "Eu sou um idiota", e terá milhares de exemplos para provar isso. É a sua própria percepção, criada através da consonância dos julgamentos dos demais, tanto professores como alunos, e até mesmo da família. A atribuição torna-se um fato e o efeito audiência começa a ter efeito, se ressaltarmos o negativo o efeito será assim, mas se em vez disso, nos baseamos nos comportamentos desejáveis e positivos, o efeito será igualmente positivo.

3.1- Papel do grupo classe

Os colegas de curso podem servir como potenciais companhias ou amizades, satisfazendo as importantes necessidades sociais no desenvolvimento do adolescente. No entanto, eles representam um grupo social de referência que convida a uma intensa comparação social. Além disso, a aprovação ou desaprovação que os colegas de classe fazem pode ter um grande efeito no autoconceito do adolescente. *“Entre os meninos com mais idade e os adolescentes, os colegas de classe são aqueles que, primariamente, representam mais o sentido "generalizado do outro" (Mead, 1934).*

Assim, o ambiente entre iguais dentro da escola apresenta-se, em grande parte, como uma determinante crítica do sentido de valia como pessoa (Harter, 1996).

Harter examinou as correlações entre o papel dos pais, professores, colegas e amigos próximos na

avaliação da autoestima do estudante. Os resultados mostram que, na infância tardia e na adolescência, o apoio dos iguais é o que mais correlaciona (0,6), seguido dos pais (0,5), professores (0,4) e, finalmente, as amizades mais íntimas (0,5). É evidente que o apoio dos iguais entendidos como colegas de classe é fundamental para a autoestima. Quando não se conta com o apoio dos colegas sistematicamente, e se é afastado, desqualificado ou não levado em conta, obviamente, isto tem um efeito de baixa autoestima e pouco sentimento de valor pessoal.

A diferença entre a influência dos colegas de classe e as amizades mais próximas, pode ser explicada de acordo com Mead (1934). "O apoio dos outros num domínio público pode representar melhor a aceitação do "outro generalizado" e pode ser percebido como mais "objetivo" ou de aceitação comum que o apoio das amizades mais íntimas". Isto não significa que as amizades mais próximas não sejam significativas, pelo contrário, têm a importante função de assegurar a base significativa psicológica da qual se pode sustentar para aceitar os desafios do "outro generalizado". Embora a percepção dos colegas de classe seja crítica para a autoestima, o impacto do apoio de um professor ou professora também não é trivial. A correlação de 0,4 mostra que mais apoio do professorado se relaciona significativamente com melhores níveis de autoestima. Lamentavelmente, aquelas crianças com pouco apoio dos pais e professores provavelmente desenvolvem uma baixa autoestima. Quando o professorado aumenta o seu apoio, os resultados de autoestima são mais elevados, e uma percepção positiva por parte do professorado pode compensar percepções inadequadas por parte da família.

3.2- Papel do professor

No estudo citado anteriormente, os professores (em relação à autoestima) ficaram em terceiro lugar (Harter, 1996). Numa investigação no mesmo sentido, Bru et al.(2000)¹⁰ concluem que uma relação positiva entre os alunos e professores reduz os problemas de comportamento na aula e aumenta o nível de concentração acadêmica do estudante.

¹⁰ Bru, E., P. Stephens, et al (2002). "Students' perceptions of class management and reports of their "own misbehavior." *Journal of School Psychology* 40 (4): 287-307

Birch e Ladd (1996)¹¹ propuseram três características distintas da relação aluno-professor que são particularmente importantes para as crianças pequenas: proximidade, dependência e conflito. A proximidade reflete-se no grau de acolhimento e comunicação aberta que se manifesta entre professores e alunos, podendo funcionar como um apoio, em que os alunos se sentem confortáveis aproximando-se do docente para falar de seus sentimentos e experiências. Essa proximidade pode facilitar os sentimentos e as atitudes positivas perante à escola e os professores que apoiam os alunos podem aumentar a motivação e o envolvimento para as atividades escolares e, desta maneira, podem incentivar a aprendizagem e o êxito escolar.

A dependência pode ser entendida como uma relação que interfere no êxito e na adaptação escolar das crianças. Em termos ideais, numa relação de apoio, "a proximidade" deveria aumentar e a "dependência" diminuir ao longo do tempo. Crianças muito dependentes podem se tornar tímidas na exploração do ambiente escolar e sentir-se menos motivadas a explorar os arredores ou outros meios sociais; podendo, nos níveis mais altos de dependência, mostrar sentimentos negativos em relação à escola, como recusa escolar e ansiedade.

O relacionamento conturbado entre professor-aluno aumenta o estresse entre todos e pode impedir o êxito de ajustamento à escola. As relações conflituosas são conceituadas como interações discordantes e a falta de entendimento entre professor e aluno pode resultar em que um ou outro saia da escola ou se desmotive (tendo pouco compromisso com a escola), além de desenvolver atitudes negativas em relação à escola.

Wentzel¹², tentando descobrir o que os estudantes consideram um professor "apoiador", pediu a uma amostra de estudantes que escrevessem três coisas que o professorado faz que mostra que eles se importam com os alunos, e três que mostram que não se importam. As respostas foram categorizadas em quatro dimensões: relações democráticas, reconhecimento das diferenças individuais (sociais e acadêmicas), altas expectativas de realização, incentivar positivamente e dar feedback (retroalimentação).

¹¹ Birch, S. and G. Ladd (1996). Interpersonal relationship in the school environment and children's early school adjustment: the role of teachers and peers. Social motivation: understanding children's school adjustment. J. Junoven and K. Wentzel. Cambridge University Press.

¹² Wentzel, K. (1996) Social goals and social relationships as motivators of school adjustment. Socialmotivation: understanding children's school adjustment. J. Junoven and K. Wentzel. Cambridge University Press.

Quando o professorado mostrava explicitamente na aula estes comportamentos, eram percebidos como tendo interesse pelos alunos; pelo contrário, quando se percebiam comportamentos opostos, ou seja, relações autoritárias, com falta de respeito, tratar a todos igualmente, esperar resultados baixos e dar feedback negativo eram percebidas como falta de interesse pelos alunos, e isso tornava as relações bastante conflitivas.

Por outro lado, Wentzel destacou a importância de desenvolver atividades com objetivos sociais, pois há evidências de que estas estão associadas a uma melhor adaptação à escola. Há dados que sugerem que a busca de objetivos pró-sociais ou de responsabilidade social dos alunos, relaciona-se com os seus níveis de aceitação pelos colegas e professores. Da mesma forma, os estudos assinalam que tentar comportar-se de maneira pró-social e responsável relaciona-se consistentemente com o desempenho e a motivação acadêmica; e os alunos mais envolvidos são os de maior êxito na escola.

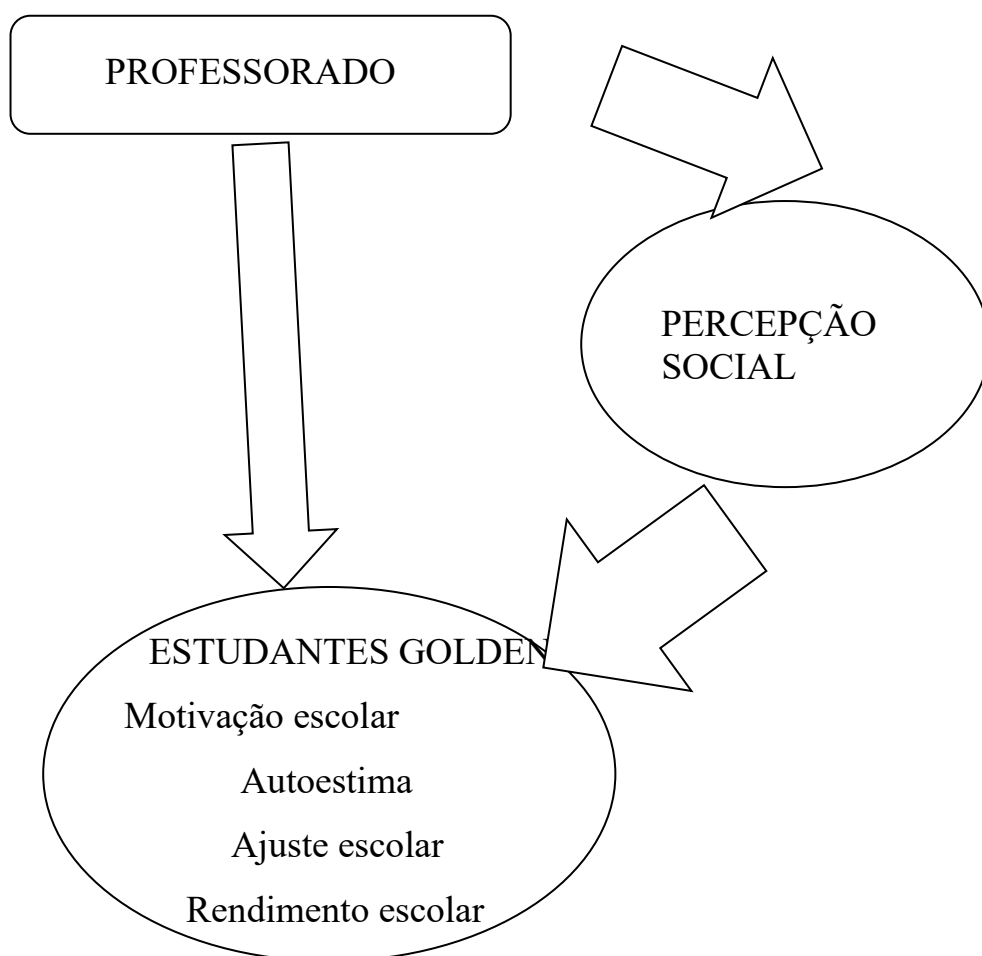
No entanto, a investigação sobre o comportamento na sala de aula e a sua relação com o desenvolvimento de habilidades pró-sociais e comportamento social responsável não foi muito extensa. Não obstante, e há muito tempo, em todos os sistemas educativos ocidentais, o desenvolvimento de habilidades sociais integrais tem sido uma função primária dentro do processo escolar. Wentzel estudou de que forma a busca de objetivos pró sociais se relacionava com as relações interpessoais e o apoio dos professores e colegas. Ele observou que os sentimentos dos alunos de sentir ajuda e cooperação, e o de seguir as regras da classe estavam relacionados com o apoio social percebido por parte dos seus colegas e professores. Os resultados foram muito consistentes. Maior percepção de ajuda social, mais sentimentos de cooperação, mais respeito às regras da classe, e também maior probabilidade de estabelecer objetivos pró sociais, o qual se relaciona com melhor desempenho, melhor percepção e êxito escolar.

4. – Proposta de Modelo de Intervenção

O papel do professorado parece ser crucial na melhoria do ajuste dos estudantes e no aumento da sua autoestima. Ao mesmo tempo, os professores possuem também um papel importante como mediadores da percepção social dos seus companheiros de curso.

Se o professorado pode mudar a percepção e as expectativas de um estudante, se faz mostras

públicas e destaca os aspectos positivos deles, provavelmente o grupo começa a mudar, e se vários mudam de expectativas, o efeito audiência pode fazer que o grupo mude, o qual reforçará o sujeito em questão que terminará respondendo a umas expectativas mais positivas, humanas e em consonância com o seu desenvolvimento humano.



Para que o professorado possa liderar este processo de maneira adequada deverá ter um conjunto apropriado de ferramentas e habilidades para compreender o funcionamento de um grupo e poder geri-lo adequadamente. Igualmente tem que dispor de suficientes recursos para construir relações positivas e adequadas entre os seus alunos e criar um ambiente de aula que facilite as relações e os

processos de aprendizagem. A flexibilidade na aprendizagem também deve ser considerada, bem como a atenção à diversidade. Neste sentido, devem ser oferecidas em aula atividades variadas, conforme as características gerais dos adolescentes, e igualmente diferentes para se ajustar às necessidades e características diferentes que cada aluno possui. Finalmente, é necessário o envolvimento das famílias para que a mudança de percepção social e de auto percepção aconteçam.

A proposta consiste em dotar o professorado de uma série de ferramentas que lhes facilite criar uma atmosfera de relações adequadas, onde os alunos são considerados Golden, ou seja, com habilidades suficientes para "brilhar", especialmente aqueles que geralmente são mais opacos. Para alcançar este objetivo, e com base nas premissas anteriormente explicadas, apresentamos cinco áreas Golden que consideramos necessárias e relevantes para que os professores possam mudar suas aulas e ajudar os alunos que mais precisam.